



sala preta
ppgac

DOI: 10.11606/issn.2238-3867.v24i3p3-6

EDITORIAL

Daniele Avila Small

Marcos Antônio Alexandre

Sofia Boito



Editorial

Neste último número do ano de 2025, a *Sala Preta* publica o dossiê “A(s) Dramaturgia(s) no Teatro Brasileiro Contemporâneo”. A partir de uma chamada ampla, que considerava as profundas transformações da função da dramaturgia nas últimas décadas do século XX, perguntávamo-nos como abordar práticas e estéticas dramáticas em uma cena em que a palavra não é mais o único signo articulador e a ideia de representação não é hegemônica.

Tendo como recorte o teatro nacional, propúnhamos ter um vislumbre de como as teatralidades brasileiras contemporâneas poderiam ser estudadas a partir do prisma dramático. Afinal, como abordar as mutações pelas quais passou a relação entre dramaturgia e cena no Brasil nos últimos 30 anos? Como analisar as práticas cênicas reinventadas e seus outros meios (e modos) de produção que ecoam as recentes transformações sociais do país?

Como se sabe, a experiência artística é, muitas vezes, mais ágil que a produção teórica e percebemos que a chamada, apesar de abrangente – abordando a dramaturgia no teatro brasileiro em suas mais diversas formas e acepções, em diferentes contextos e factuais – não obteve tanta ressonância quanto esperávamos. Tal fato nos fez perceber as dificuldades que as experimentações contemporâneas ainda geram, principalmente com suas demandas de decolonização de nossos referenciais teóricos e da necessidade de forjar novas ferramentas de análise quando a dramaturgia se torna um modo de interrogar a cena, criando fricções, ficções e/ou outras molduras para a “realidade”.

Ainda assim, recebemos uma série de trabalhos que propuseram reflexões diversas para o campo da dramaturgia, a partir de um olhar expandido, e dos quais podemos depreender duas questões centrais para a cena brasileira contemporânea (questões essas que nos parecem ser complementares): a primeira é a dramaturgia como espaço de criação e enunciação de discursos contra-hegemônicos; a segunda é a dramaturgia como forma de compor, sensível e criativamente, *outros* modos de transmissão de conhecimento.

No primeiro artigo do dossiê, “O esticar de formas dramáticas em proposições para um público-participante”, Juliana Pamplona analisa as peças *Manifesto transpofágico*, de Renata Carvalho, *Azira’i – um musical de memórias*,

de Zahy Tentehar e Duda Rios, e *Hoje eu não saio daqui*, da Cia. Marginal e Jô Bilac. Tais dramaturgias, escritas por atores/atrizes para seus próprios corpos/corpas, a partir de suas experiências pessoais e identidades dissidentes, ao mesmo tempo se endereçam a estruturas sociais mais amplas e enfatizam a interação com um público participante, que a autora considera corresponsável pela dinâmica da cena, pela conduta diante de questões que se colocam para além do jogo dramatúrgico e pela imaginação que as peças convocam.

Os dois artigos seguintes estão relacionados com os teatros negros e suas reflexões enquanto poéticas e estéticas cênicas. “Violência e racialidade na dramaturgia contemporânea”, escrito por Marcos Nogueira Gomes, é pautado no conceito de necronarrativa, de Aldri Anunciação, e, por meio dele, o pesquisador investiga como a violência e a racialidade se articulam na dramaturgia contemporânea brasileira. Para concretizar seus objetivos, o autor recorre a textos dramáticos que tratam sobre a temática do genocídio e do encarceramento da juventude negra. As peças analisadas são *Buraquinhos ou o vento é inimigo do picumã*, de Jhonny Salaberg, *Cárcere ou porque as mulheres viram búfalos*, de Dione Carlos, e *Cavalos pretos são imensos*, de Bárbara Esmenia.

O outro trabalho, intitulado “Dramaturgias negras: ou sobre inscrever a cor e o corpo como texto”, é de autoria de Soraya Martins Patrocínio. A pesquisadora realiza uma leitura analítica sobre as dramaturgias negras de Grace Passô e Anderson Feliciano, refletindo sobre como ambos os artistas inscrevem a cor e o corpo como texto para se produzir, nas palavras da autora, “efeitos de linguagem que, num processo de concepção formal, pensam as contradições da sociedade e a experiência teatral e tecem camadas múltiplas e fabulares da(o) sujeita(o) negra(o)”.

Para fechar o dossiê, o artigo “Dramaturgia do encontro: o planejamento de aula como prática dramatúrgica”, de Filipe Brancalião, propõe utilizar a noção de prática dramatúrgica como uma maneira de compreender o planejamento de aulas. Inspirando-se na noção contemporânea de dramaturgia como composição do sensível, o texto levanta a ideia de “dramaturgia do encontro” para deslocar o planejamento de sua função prescritiva e normatizadora para um gesto criativo, sensível e coletivo.

Este número também conta com quatro textos recebidos em fluxo contínuo. Em “Os Ossos do Barão, de 1963: memórias do encontro entre Jorge Andrade

e Maurice Vaneau,” Luiz Humberto Martins Arantes reconstitui a encenação de *Ossos do Barão*, de Jorge Andrade, pelo diretor belga Maurice Vaneau no Teatro Brasileiro de Comédia (TBC), em 1963, a partir de dados biográficos de Vaneau, de seu entendimento da cena moderna europeia, da aproximação com a obra do dramaturgo paulista e do contexto brasileiro da época. Entre vestígios de fotografias, depoimentos de integrantes da equipe de montagem e considerações sobre as particularidades da encenação, o autor nos oferece elementos para pensar o contraditório processo de modernização do teatro brasileiro no século XX.

No artigo “A dança em tempos pandêmicos: vivências e sentidos no espaço virtual sob olhar fenomenológico,” Kaio César Celli Mota e Michele Viviene Carbinatto analisam por uma perspectiva fenomenológica as experiências vividas pelos dançarinos do Laboratório de Estudos do Corpo (LEC) durante a pandemia de covid-19. Entre relatos de adaptação da dança ao ambiente doméstico, descobertas de novas formas de expressão e o fortalecimento dos vínculos afetivos, o artigo evidencia a dança como estratégia de resiliência e superação em um período de isolamento e incerteza.

O artigo “O processo artístico de Memorada: sobre teatro e intraculturalidade,” de Julia Camargos e Raysner de Paula, analisa o processo de criação do espetáculo “Memorada,” focalizando a relação entre as dimensões pedagógica e artística e dialogando com a crítica contra-hegemônica do teatro brasileiro. O artigo destaca a noção de intraculturalidade como estratégia metodológica, ética e estética no processo de criação teatral brasileiro.

O artigo “A luz cênica engendrando bricolagens no teatro infantil,” de Fernanda G. Mattos Souza, propõe a reflexão sobre a iluminação cênica no teatro infantil, a partir dos conceitos de *bricoleur*, de Lévi-Strauss, e dos estudos de Gaston Bachelard sobre a imagem poética, além da teoria de Vigotski sobre a imaginação criativa, investigando como o desenho de luz ativa a experiência estética nas crianças.

Em “O próximo corte: ferida e cuidado na arte da performance,” Renan Marcondes analisa duas performances de Juliana Notari, nas quais as artistas utilizam objetos cortantes, como navalhas e cacos de vidro, enfocando a pele como zona de proteção e exposição do corpo. O artigo reflete como as imagens violentas e as ações de cuidado presentes revelam o risco do corte como algo inevitável e contingente ao próprio ato de cuidar de si.